

ISSN 1980315-X



9 771980 315002

00155

Impresso
Especial

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

CORREIOS

Nº 155 - Março/2008

ADverso

A força do novo movimento docente

Sucesso nas negociações com o governo consolida o Proifes como entidade representativa dos docentes das universidades federais e fortalece o Novo Movimento Docente. A idéia de fundar sindicatos locais ganha impulso e entra como prioridade na pauta de discussão de várias ADs, entre elas a Adufms, onde o bloco de descontentes com a Andes aumenta a cada dia.

1º Encontro de Aposentados Adufrgs

29 de Abril de 2008

Sesc Campestre, Protásio Alves, 6620

Inscrições e informações nas sedes da Adufrgs ou pelo telefone (51) 3228 1188 até 25 de abril.

www.adufrgs.org.br



ISSN 1980315-X



Seção Sindical da Andes-SN
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>

Diretoria

Presidente: Eduardo Rolim de Oliveira
1º vice-presidente: Cláudio Scherer
2º vice-presidente: Lúcio Hagemann
1º secretário: Lúcio Olímpio de Carvalho Vieira
2ª secretária: Maria Luiza A. Von Holleben
1º tesoureiro: Marcelo Abreu da Silva
2ª tesoureira: Maria da Graça Saraiwa Marques
1º suplente: Mauro Silveira de Castro
2º suplente: José Carlos Freitas Lemos

ADverso

Publicação mensal impressa em papel Reciclate 75 gramas
Tiragem: 4.500 exemplares
Impressão: Comunicação Impressa
Produção e edição: Editora Verdeperito Ltda.
Editora: Maricélia Pinheiro (MG 05029 JP)

Reportagem: Maricélia Pinheiro,
Clarissa Pont e Zaira Machado (7812)
Fotos: Clarissa Pont (13302)
Ilustrações: Mario Guerreiro
Foto da Capa: Mario Guerreiro
Projeto Gráfico e Diagramação: Marcos Guimarães

ÍNDICE

Campanha Salarial 2007/2008 – Lições a seguir

Esta edição do Adverso sai justamente no momento do encerramento das negociações para as duas Carreiras do Magistério Federal.

O Acordo do Ensino Superior foi firmado em 5 de dezembro de 2007, exclusivamente pelo Proifes e pela CUT, com a auto-exclusão da Andes da Mesa de Negociação, em uma postura absolutamente coerente com a prática histórica desta entidade, que não entra em um Mesa para obter acordos e avanços para os professores, mas apenas para ocupar espaço e fazer seu proselitismo político.

Já o acordo para a reestruturação da Carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, foi firmado pelo Proifes e pela CUT em 20 de março de 2008, e teve a adesão incondicional em 4 de abril de 2008 do Sinasefe, entidade que representa os professores dos Cefets. A Andes novamente saiu da Mesa sem assinar nada e ainda por cima tenta desqualificar o acordo firmado pelas outras entidades, que seria e responsável entenderam que ele era muito bom para os professores de 1º e 2º graus.

Várias conquistas históricas do Movimento Docente foram alcançadas, e este processo negocial é uma prova da diferença que faz para os docentes a existência de uma entidade como o Proifes, que realmente representa os seus interesses, e não os de grupos minoritários. Afinal, depois de 20 anos chega-se a um acordo salarial, sem necessidade de recorrer à greve, instrumento importantíssimo dos trabalhadores, mas que foi irresponsavelmente banalizado pelos dirigentes de plantão na Andes até 2006.

É inquestionável a enorme vitória que tivemos com a extinção da GED, gratificação que diferenciava ativos e aposentados desde 1998. Sua transformação em gratificação fixa, e mais importante ainda, a diminuição de seu peso relativo é um avanço que merece nosso aplauso. Recuperar a paridade entre ativos e aposentados é recuperar a dignidade de nossa categoria como um todo.

A equiparação entre a remuneração e a estrutura das duas carreiras é outra enorme conquista, que os docentes consideravam utópica anos atrás. E foi obtida já em julho de 2008, trazendo uma importante valorização dos docentes de Ensino Básico, que passam a ter uma verdadeira carreira, onde a qualificação vale realmente a pena. Esta situação é boa para o País, que terá a possibilidade, com a criação das novas Instituições Federais de Ensino Tecnológico (Ifets), de dar um grande impulso à produção de tecnologia.

Ainda temos que referir a incorporação da GAE, em julho de 2008 para o Ensino Básico e em fevereiro de 2009 para o Ensino Superior, e a consequente valorização do Vencimento Básico, que deixará de ser a menor parte da remuneração, como é hoje. Finalmente, a valorização da Carreira, com um expressivo aumento do teto, é um grande estímulo à qualificação dos professores, o que é muito bom para a Universidade pública e para o País.

Todos estes pontos compõem um panorama de grandes vitórias para os docentes e de grande sucesso para uma nova forma de fazer sindicato, apresentada pelo Proifes e pela Adufrgs, entidades que apostam estrategicamente na negociação como princípio básico para a defesa dos professores. Não é mais possível se apostar nas velhas fórmulas. Novos caminhos estão na ordem do dia, dependendo exclusivamente da vontade dos professores para que estes se consolidem.

04 SEGURIDADE SOCIAL

05 CAMPANHA SALARIAL

Negociações se encerram com importantes avanços

06 ENTREVISTA

"A Universidade é fundamental para a economia solidária"
Paul Singer

10 ARTIGO

Acompanhando o andamento da ciência, para além do consentimento informado
por Cláudia Fonseca e Carmem Maria Craidy

12 VIDA NO CAMPUS

14 CENTRAL

Novo Movimento Docente
Consolidação do Proifes impulsiona sindicato local no Mato Grosso do Sul

16 ARTIGO

A Universidade pode servir aos interesses da maioria da população?
por Carlos Schmidt

18 PRESTAÇÃO DE CONTAS

19 CONVÊNIOS

20 NOTÍCIAS

Ufrgs aumenta oferta de vagas em mais de 30% até 2012

21 OBSERVATÓRIO

22 NAVEGUE

23 ORELHA

24 HIPERMÍDIA

A alma da cidade está nos detalhes
por Clarissa Pont

26 +1

27 A HISTÓRIA DE QUEM FAZ

Adufrgs vai à Justiça pedir reajuste para aposentados após reforma

A Adufrgs pretende ação na Justiça pedindo correção de aposentadorias pelo Regime Geral da Previdência Social (RGPS) para um grupo de aposentados e pensionistas prejudicado pela Emenda 41 da Reforma da Previdência.

Um grupo de quase 200 pessoas, entre aposentados e pensionistas de docentes da Ufrgs, estão com os rendimentos congelados pelo governo. Eles fazem parte da leva de Servidores Públicos Federais (SPFs), aposentados ou pensionistas de servidores falecidos a partir de 2004, quando entrou em vigor a última Reforma da Previdência. Embora já estivessem no serviço público antes da Emenda Constitucional, por não preencherem os requisitos suficientes para obter os proventos integrais foram enquadrados na regra geral de cálculo da aposentadoria. Portanto, seus ganhos não estão atrelados aos vencimentos dos ativos e suas aposentadorias foram calculadas a partir de uma média dos últimos salários.

Na prática, isso significa, que este

grupo não tem recebido os reajustes dados desde então pelo governo aos SPF. "Vamos pedir que os proventos destes aposentados e pensionistas sejam reajustados pelo índice do RGP, que nestes quatro anos daria algo em torno de 25%", explica o assessor jurídico da Adufrgs, Francis Bordas, do escritório Bordas Advogados Associados.

Ele avalia que a probabilidade de sucesso nesta ação é grande, tendo em vista que já existe decisão favorável do Supremo Tribunal Federal (STF) no sentido de garantir o reajuste pelo RGP para SPF aposentados pela regra geral. Esta situação, segundo Bordas, acontece porque ainda não foi criada uma lei específica para estes casos, conforme prevê o artigo 8º do Artigo

40 da Constituição Federal. O advogado alerta o servidor que pretende se aposentar, para que verifique com cuidado se possui os requisitos necessários à aposentadoria pelas regras de transição, o que garantiria os proventos integrais e reajustes obtidos nas campanhas salariais. "Essa questão toda deve preocupar também os ativos, por conta de como ficará o seu pensionista quando este falecer", ressalta Bordas.

A Assessoria Jurídica da Adufrgs informa que uma eventual ação coletiva não beneficiará os pensionistas, uma vez que estes não fazem parte do quadro de sócios da entidade. Para pleitear o benefício, os pensionistas devem mover ações individuais. Caso queiram, a Adufrgs disponibiliza sua Assessoria Jurídica.

INFORME JURÍDICO

Trabalho em condições insalubres pode antecipar aposentadoria

A assessoria jurídica da Adufrgs informa aos associados que, de acordo com a Orientação Normativa nº 7/2007, editada pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), a conversão do tempo trabalhado em condições prejudiciais à saúde traz um acréscimo no tempo de serviço, que pode ser útil tanto para servidores ativos e aposentados, podendo ser usado em:

1. antecipação da aposentadoria;
2. alteração da modalidade da aposentadoria, alterando-a de proporcional para integral;
3. inclusão de vantagens existentes na época em que preenchidos os requisitos para aposentadoria (exemplo: art. 192 da Lei 8112/90 – diferença de classe, também, conhecida como "20%")
4. pagamento do abono permanência (devolução do valor da segurança social) a partir da data em que o servidor completa o requisito para aposentadoria ou até mesmo alteração do período já

reconhecido pela Ufrgs;

Cabe lembrar que desde 1998 os professores de 3º grau não possuem mais direito à aposentadoria especial, de forma que se aposentam pelas regras normais.

Salientamos que a Administração Pública reconheceu o direito apenas com relação ao tempo trabalhado no serviço público (tempo de serviço em condições especiais prestado na iniciativa privada somente poderá ser convertido e averbado através do INSS).

A informação já havia sido dada pela Adufrgs em julho de 2007, porém, naquela época, os setores de Recursos Humanos de alguns órgãos federais no Rio Grande do Sul não estavam preparados e orientados em relação aos procedimentos devidos. Agora, com base nesta Orientação, os pedidos estão sendo recebidos e apreciados pela PRORH.

Sugerimos a leitura da íntegra da Orientação onde constam informações de como deverá ser comprovado o trabalho

em condições especiais. Havendo interesse, o professor deverá preencher o requerimento administrativo ao qual deverão ser anexados os documentos comprovando o trabalho insalubre (carteira de trabalho, declaração da chefia, contracheques, etc).

O requerimento preenchido deverá ser protocolado na Ufrgs em duas vias, sendo que uma delas ficará com o interessado, juntamente com o número do protocolo. O acompanhamento da tramitação do processo pode ser feito pelo site da Universidade. Ao final, uma vez convertido o tempo, o interessado poderá procurar a assessoria jurídica da Adufrgs para avaliação conjunta de como usar este tempo adicional.

A Orientação Normativa e o Requerimento estão disponíveis na página eletrônica da Adufrgs (www.adufrgs.org.br), seção Jurídico.

Bordas Advogados Associados

CAMPANHA SALARIAL

Negociações se encerram com importantes avanços



Com a publicação das tabelas salariais definitivas para as carreiras dos magistérios Superior e Básico das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), terminaram no final de março, as tratativas entre docentes, representados pelo Fórum de Professores das Ifes (Proifes), e governo federal. A diretoria da Adufrgs avalia que, depois de 20 anos sem realizar uma negociação salarial efetiva, a categoria finalmente arrancou do governo um resultado positivo, que deve servir de marco na história do Movimento Docente.

Paridade entre ativos e aposentados, incorporação da Gratificação de Atividade Executiva (GAE), equiparação entre as carreiras dos ensinos Básico e Superior e valorização das mesmas com aumentos reais nos próximos três anos compõem o pacote de ganhos obtido pelos docentes depois de muitos meses de negociação. Esse resultado é a consagração de uma nova forma de ação sindical praticada pelos docentes, que amplamente referendaram em todo o País a atuação propositiva e séria do Proifes. Vale lembrar que este, após a Andes abandonar as negociações, assumiu sozinho os acordos assinados com o governo em dezembro do ano passado e em março deste ano. Acordos estes que prevêem, além de reajustes salariais significativos, a reestruturação das carreiras até 2010.

Abaixo as principais conquistas

1. Fim da GED (Gratificação de Estímulo à Docência) por pontos, em 1º de março de 2008, que é transformada em uma nova gratificação fixa, igual para ativos e aposentados. Essa nova gratificação, assim como a nova gratificação do Ensino Básico, diminui bastante em relação às atuais GED e GEAD (Gratificação Específica de Atividade Docente), e ambas ficarão muito mais perto de serem incorporadas nas negociações do GT Carreira, que começa em abril.

2. Incorporação da GAE (Gratificação de Atividade Executiva) e da VPI (Vantagem Pecuniária Individual) para o Ensino Básico, em julho de 2008, e para o Ensino Superior em fevereiro de 2009. Isso proporcionará um aumento significativo no VB (Vencimento Básico).

3. Isonomia entre as carreiras dos ensinos Básico e Superior que, na prática, representa a conquista da Carreira Única, reivindicação antiga do Movimento Docente.

4. Criação de mesas específicas para debater o Termo de Adesão que os docentes do Ensino Básico terão de assinar para migrarem para a Carreira reestruturada.

5. Criação de mesa específica para debater a forma de cálculo das vantagens do artigo 192 do RJU (Regime Jurídico Único) e do artigo 184 do antigo Estatuto, o que é importante para a garantia do direito dos aposentados.

6. Valorização das Carreiras, com expressiva valorização da qualificação profissional, com elevação importante da remuneração do topo das Carreiras.

Relato completo da reunião do dia 20 de março, detalhamento dos acordos e tabelas estão disponíveis no www.adufrgs.org.br, seção documentos/campanha salarial.



Marcha de Servidores Públicos Federais em Brasília, no dia 26 de março, cobrou a implementação de acordos salariais e a ratificação da Convenção 151 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que assegura aos trabalhadores do setor público o direito à negociação coletiva. Proifes, CNTE, CNTSS, Condef, Confetam, CUT, Fasubra, Fenafisp, Fenajufe, Sinagencias, Sinait, Sinasempu, Sindireceita, Unacom e Unafisco participaram da manifestação, que começou na Catedral, seguiu para o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) e terminou com um ato público no Congresso Nacional, com a presença de diversos parlamentares que apoiaram o movimento.

PAUL SINGER

“A Universidade é fundamental para a economia solidária”

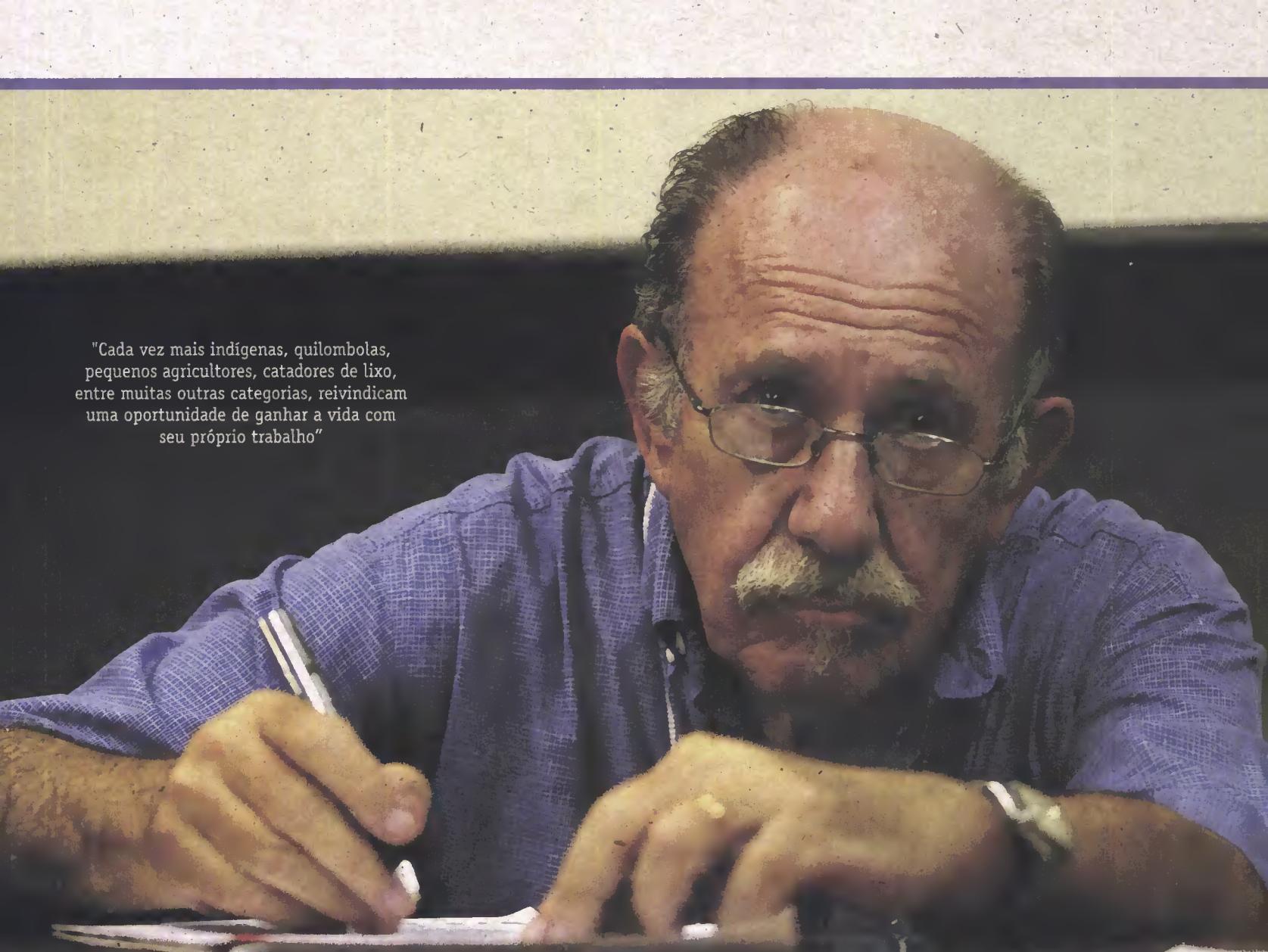
Secretário Nacional de Economia Solidária do Governo Lula desde junho de 2003, Paul Singer é um otimista. A fala do economista de origem austriaca enche de esperança seus interlocutores. Munido de números e histórias de todo País sobre experiências desta inovadora alternativa de geração de trabalho e renda, Singer atua dentro do Ministério do Trabalho e Emprego mantendo uma interlocução permanente entre setores do governo e da sociedade civil. Para ele, “políticas que implicam em mudanças sociais profundas não podem ser feitas de cima para baixo, têm de ser feitas horizontalmente, com uma cumplicidade entre o agente público e o ator social”.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) funciona em Brasília, mas o professor circula pelo Brasil. Seja na Teia que reuniu jovens de todos os Pontos de Cultura do País em Belo Horizonte, no ano passado, ou em bancas de pós-graduação na USP, o professor Singer viaja para garantir esta cumplicidade. “Cada vez mais indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, catadores de lixo, entre muitas outras categorias, reivindicam uma oportunidade de ganhar a vida com o seu próprio trabalho. E há todo um conjunto de políticas públicas para viabilizar essa trajetória”, explica o autor de diversas obras como “O que é socialismo hoje” (Petrópolis: Vozes, 1980), “O Capitalismo – sua evolução, sua lógica e sua dinâmica” (São Paulo: Moderna, 1987) e “Uma Utopia Militante. Repensando o socialismo” (Petrópolis: Vozes, 1998).

Singer estudou na Escola Técnica Getúlio Vargas de São Paulo e exerceu a profissão de eletrotécnico durante cinco anos, tendo se filiado ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Só depois cursou Economia na USP. Em 1960, iniciou a atividade docente na universidade, como professor assistente. Em 1966, encerrou o doutorado em Sociologia com um estudo sobre desenvolvimento econômico e seus desdobramentos territoriais, abordando cinco cidades brasileiras – São Paulo, Belo Horizonte, Blumenau, Porto Alegre e Recife – na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. A tese deu origem ao livro “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana”. Em 1979, começou a lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde permaneceu por quatro anos, como chefe do Departamento de Economia.

Nesta entrevista concedida à revista Adverso, Singer fala sobre o atual trabalho no Governo Federal e afirma que a Universidade é uma parte muito importante do projeto de economia solidária para o País.

por Clarissa Pont
fotos Eduardo Seidl



"Cada vez mais indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, catadores de lixo, entre muitas outras categorias, reivindicam uma oportunidade de ganhar a vida com seu próprio trabalho"

Adverso – Quais mudanças o Governo Federal garante através das iniciativas de economia solidária?

Paul Singer – Está acontecendo uma mudança gradativa, evidentemente, mas muito importante. Durante um longo período, todos os movimentos sociais estavam voltados em relação ao governo ou ao Estado para reivindicar direitos legais e apoio financeiro. Podia ser salário mínimo, mais dinheiro para a habitação popular, enfim... Todo movimento popular de luta contra a pobreza via no governo a única porta para alguma solução. Obtinham algumas coisas, claro que houve conquistas importantes nessa direção. Com a economia solidária, ou seja, nos últimos dez anos, os movimentos sociais construíram condições de desenvolver atividades econômicas próprias e, com isso, obtiveram melhora na vida de seus membros. Na verdade, é outra economia sendo construída dentro do País, radicalmente igualitária, não há diferença de classe dentro da economia solidária. E democrática, porque as decisões são tomadas democraticamente em cada empreendimento. Eu diria que isso está mudando o panorama das lutas populares, pelo menos em parte. Cada vez mais indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, catadores de lixo, entre muitas outras categorias, reivindicam uma oportunidade de ganhar a vida com o seu próprio trabalho, nada mais do que isso. E há todo um conjunto de políticas

públicas que começam a viabilizar essa trajetória. O Fórum brasileiro de Economia Solidária reúne os empreendimentos, os movimentos sociais, as grandes entidades, os gestores públicos e as ONGs que fomentam a iniciativa. No Fórum, são gestadas as políticas públicas, acompanhamos as demandas e recebemos as críticas às políticas do governo. Sem essa relação estreita com o Fórum, nós não teríamos conseguido avançar. Hoje há um Conselho Nacional de Economia Solidária, onde estão os ministérios e bancos públicos do Governo Federal, são 57 membros que se envolvem com economia solidária. Mesmo tão grande, o Conselho consegue se reunir a cada três meses em comitês temáticos e garantir um trabalho ágil. O fundamental é que políticas que implicam em mudanças sociais profundas não podem ser feitas de cima para baixo, tem de ser feitas horizontalmente, com uma cumplicidade entre agente público e ator social.

Adverso – O senhor diz que a economia solidária e a criminalidade são processos diferentes para responder a mesma coisa. São respostas a que exatamente, à impossibilidade dessas pessoas possuírem um espaço social?

Paul Singer – A exclusão social e o desemprego em massa atingem, sobretudo, os jovens. O desemprego contra os jovens é fantasticamente maior do que em todos os outros demais grupos etários. E uma parte dos jovens está encontrando sua oportuni-

dade no auto-emprego coletivo. Estão criando cooperativas de consultores, de economistas, de músicos, de atores. É uma oportunidade para muita gente. Enquanto isso começava a acontecer, uma massa muito maior de jovens acabou indo pro crime. Sobretudo os homens, mais de 90% dos que estão presos, o que dá uma amostra daqueles que estão envolvidos em atividades criminosas, são homens. É uma coisa muito violenta, que tem a ver com machismo, com a honra masculina. Pelo que eu percebo, esses jovens desprezam os que procuram um emprego. As duas coisas cresceram lado a lado. Por um lado, é visível que a criminalidade aumentou um horror sobretudo nas grandes cidades e nas médias, cada vez mais. Mas o auto-emprego coletivo e as cooperativas também aumentaram. E as duas respostas são totalmente opostas. Não são diferentes, são opostas, porque o crime organizado é hiper capitalista. É o capitalismo levado ao absurdo, você assassina os concorrentes. Ao invés de vencê-los economicamente, é à bala.

Adverso – O volume de jovens empregados nos últimos anos permaneceu estagnado. Ou seja, eram 16,9 milhões de jovens empregados em 1989 e, em 1998, somavam 16,1 milhões. O número não cresceu e, ao mesmo tempo, os 2,3 milhões de jovens que ingressaram no mercado encontraram a mesma quantidade de empregos. Quais possibilidades se abrem para esses jovens com a economia solidária?

Paul Singer – Várias. Eu vou falar de dois que são campos preferenciais para os jovens na economia solidária. Um é a informática. Temos hoje no Brasil mais de 70 Casas Brasil que são tele-centros em que os jovens não só se habilitam tecnicamente a usar o computador e a mantê-lo, como a utilizar programas. Na Casa Brasil, eles são profissionalizados também. Pelo que eu sei, já existe um número relativamente grande de cooperativas de reciclagem de computadores.

Adverso – Em Porto Alegre, a Casa Brasil funciona desde o ano passado na Avenida Voluntários da Pátria...

Paul Singer – Pois é, em São Paulo são várias. Isso é uma coisa importante, muito digna, os jovens têm vantagem porque já nasceram na época da computação. É um campo muito variado, não é a reciclagem, é a manutenção, a assessoria aos mais velhos que querem aprender a usar os computadores. Isso é um campo grande e em expansão que os jovens encontraram e, a partir daí, formaram cooperativas. Associam-se porque isso os fortalece. O outro campo é o dos produtores de cultura. Existe um programa do Ministério da Cultura chamado pontos de cultura em que o governo oferece equipamentos de reprodução de imagem e som, edição e computadores até o valor de R\$ 300 mil. Mais do que isso, o governo mantém um contato com esses pontos. Hoje, no Brasil, são mais de 700 e, segundo as declarações do ministro Gilberto Gil, a expectativa é de que sejam milhares, sempre em comunidades pobres. Uma vez por ano, o Ministério realiza a Teia Cultural em que representantes de centenas de pontos de cultura reúnem-se numa cidade e fazem espetáculos, exibem o que produziram, e é fascinante. Eu estive em duas Teias e estou convencido que é uma bela atividade a qual a economia solidária está conectada. Espontaneamente estes jovens não querem desigualdade entre eles, não vão eleger um empreendedor que vá empregar os outros; isso não faz sentido nenhum. Estes são dois

campos onde os jovens que não têm chance de emprego formal podem se auto-empregar e ter perspectivas.

Adverso – O “Guia da inflação para o povo” (Petrópolis: Vozes, 1980) foi escrito em uma época em que a economia tinha efeitos na vida das pessoas de uma forma muito prática e cruel. Hoje, a economia segue tendo efeitos cruéis na vida das pessoas, mas não tão diretos, ou não tão facilmente identificáveis para a população, como a relação entre neoliberalismo e desemprego, por exemplo. Qual manual o senhor escreveria hoje?

Paul Singer – A questão é muito boa. O assunto inflação é um fantasma, ele não está mais presente porque a nossa inflação nunca foi tão baixa, e estou falando da minha vida que já é longa. Até o Plano Real, uma inflação de 20% ao mês já era uma boa, não era nada exagerado. Hoje, 5% de inflação já é um índice alarmante. O patamar de tolerância à inflação caiu no mundo inteiro, outros países também tinham um percentual de inflação que era considerado pequeno e que hoje é inaceitável. É um avanço porque inflações altas tendem a sair do controle e você acaba depois atingindo de forma muito negativa a economia inteira. Agora, o custo de manter a inflação baixa com políticas neoliberais é o desemprego alto. No fundo, o que estabiliza a moeda é o fato de os trabalhadores não conseguirem fazer reivindicações salariais muito intensas. Conseguem fazer algumas, mas com uma taxa de desemprego que varia entre 10% e 15% como está agora, a grande maioria teme em perder o emprego mais do que em obter aumento de salário. A estabilidade faz com que você tenha um custo para a classe trabalhadora que é muito desemprego e salários baixos. E isso poderia ser objeto de um livro que a população entendesse. Porque, infelizmente como tantos profissionais universitários, também os economistas falam apenas para si. Eles criaram uma linguagem da qual os leigos estão excluídos. E eu me especializei em romper esta cortina.

Adverso – Como as iniciativas de economia solidária no Brasil podem interagir com as realizadas em outros países? Existem experiências semelhantes com as nossas na América Latina?

Paul Singer – Vou falar na Venezuela que é um vizinho importante do Brasil e um governo bastante revolucionário. Não estou falando da oratória do nosso amigo Hugo Chávez, mas das transformações que estão efetivamente operando na economia e na sociedade venezuelana. Claro que isso é feito por um presidente militar no ritmo de ordem unida, e isso não é uma crítica porque provavelmente a Venezuela está vivendo uma oportunidade histórica. Eles fizeram um primeiro ensaio de economia solidária em que simplesmente abriram um cadastro para quem quisesse trabalhar. Um milhão de pessoas se inscreveu. Vale lembrar que a Venezuela inteira tem 27 milhões de habitantes. Eles deram uma bolsa de estudos para metade, e essas 500 mil pessoas escolhiam uma qualificação. Aprenderam cooperativismo e economia solidária e, se queriam trabalhar no campo, tinham instrução profissional para agricultura e assim por diante. Depois disso, eles foram instalados, o governo inclusive comprou terras. Em um dos núcleos de endodesenvolvimento que eu visitei perto de Caracas eles conseguiram, entre outras coisas, um sistema

de irrigação para plantar legumes. A Venezuela importa muito alimento, a economia solidária gerou uma substituição de importações. O movimento de economia solidária na Venezuela é recente, eles têm 100 mil cooperativas que surgiram em dois anos, o que é uma loucura. Mas é muito frágil. Para se fazer uma mudança social profunda é preciso ir aos poucos. Eles vieram ao Brasil, convidaram brasileiros para ir até lá, tem um grupo do MST permanentemente na Venezuela. Eles estão incorporando o que podem da experiência brasileira. O Banco Palmas, experiência muito interessante em uma favela de Fortaleza, está sendo aplicado na Venezuela também. É um banco comunitário com moeda social que estamos disseminando pelo Brasil. A Venezuela não tem incorporado apenas a experiência brasileira, tem a Argentina com as empresas recuperadas, por exemplo. A meu ver, é uma política inteligente trazer para dentro de um país as experiências e adaptá-las.

Adverso – E qual o papel da Universidade na economia solidária?

Paul Singer – A Universidade é uma parte muito importante da economia solidária. Essa relação começou muito cedo, em 1995, quando surgiu a primeira incubadora de cooperativas populares na Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma iniciativa ainda do Movimento contra a Miséria e a Fome do Betinho. Hoje existem incubadoras parecidas em 80 universidades brasileiras, e devem ter mais outras 80 na fila. Estamos dando apoio financeiro mínimo e as universidades, em geral, cedem o tempo dos professores, o espaço e os computadores. É necessário um mínimo de dinheiro para que os estudantes possam se deslocar e acompanhar os grupos populares que estão construindo a economia solidária. O Governo Federal tem uma iniciativa, que reúne vários ministérios, chamada Programa Nacional de Incubadoras e Cooperativas Populares. O programa surgiu no Governo Fernando Henrique, quando foram apoiadas apenas seis incubadoras e, depois de um tempo, nenhuma. Hoje, apoiamos 80. Dentro das universidades, o efeito dessas incubadoras é que muita gente está fazendo economia solidária. Existe curso de graduação, mestrado e uma produção acadêmica muito crescente em economia solidária. Eu tendo a ser convidado para bancas e sempre que possível aceito. O que vem daí é muito bom, é um trabalho acadêmico de boa categoria. Existe muita pesquisa, eu tenho orientado alguns estudos de caso. Porque o que nós precisamos é entender os processos em detalhe. Fabricar estatísticas é relativamente mais fácil, mas é muito enganador. Você não sabe o que aqueles números realmente significam. Não estou falando de mentiras, estou falando simplesmente que o número é uma síntese muito falha. Se você me perguntar quantos empreendimentos existem de economia solidária no País, eu vou responder que são quase dois mil. Isso está cadastrado. Mas o que significa essas dezenas de milhares de empreendimentos? Uma parte deles pode ter desaparecido na semana seguinte a ser cadastrado. Outros tantos nasceram. Muito mais importante é entender a dinâmica, a eficiência econômica, o efeito na vida das pessoas, a capacidade de ampliação do projeto e oferecer uma solução. Isso os números não revelam. A Universidade não é só um recurso para realmente viabilizar as cooperativas chamadas populares, mas também para gerar conhecimento e mais quadros para o movimento da economia solidária. Dos estudantes que participaram da incubadora que eu dirigi durante um período na USP, 80% se profissionalizaram em economia solidária. É muito animador, há uma demanda por pessoas que tenham conhecimento nessa área. A Universidade é fundamental, eu tenho o maior entusiasmo. E digo isso explicitamente aos leitores, eu sou absolutamente suspeito para falar, passei minha vida ensinando na Universidade.

"Uma parte dos jovens está encontrando sua oportunidade no auto-emprego coletivo"



ACOMPANHANDO O ANDAMENTO DA CIÊNCIA PARA ALÉM DO CONSENTIMENTO INFORMADO

por Cláudia Fonseca*
por Carmem Maria Craidy*

Saiu no dia 26 de novembro uma matéria na Folha de São Paulo sobre uma pesquisa envolvendo cientistas universitários e representantes da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul que se propõem a mapear os cérebros de cinqüenta adolescentes homicidas (a serem comparados com os cérebros de cinqüenta adolescentes não-infratores) e, assim, descobrir como se produz uma mente criminosa. Desde então, circula na Internet, na grande imprensa e em outros fóruns públicos uma discussão acalorada, a favor e contrá a proposta. Defensores do projeto, sublinhando as respeitáveis credenciais de seus autores, expressam o receio de que ataques precipitados acabem por cercear a autonomia da ciência. Críticos sugerem que o princípio de autonomia jamais exime o pesquisador da responsabilidade de avaliar as implicações morais e éticas de seus procedimentos. Devemos lembrar que a maioria de nós não conhece a proposta original. Mas é justamente por causa das idéias que estão sendo veiculadas pela mídia que cabe certo trabalho de esclarecimento.

Uma pesquisa sobre adolescentes homicidas levanta inquietações de diversas ordens. Em primeiro lugar, o foco em infratores institucionalizados arrisca reforçar preconceitos que supõem uma relação intrínseca entre cor, classe e comportamento anti-social. Sabemos, por exemplo, que no Rio e em outras metrópoles a polícia é responsável por boa parte das mortes violentas. Porém, a maioria de nós acharia absurdo fazer ressonância magnética para checar tendências violentas nos cérebros desses profissionais.

Além disso, é pouco provável que eles ou seus superiores institucionais aceitassem participar de tal pesquisa. Saberiam que a simples notícia dessa investigação com sua premissa de uma tendência fisio-biológica à violência bastaria para reforçar preconceitos contra a polícia. Por que aceitar essa pesquisa tão facilmente entre adolescentes privados de liberdade?

Porque nos abrigos, como nas cadeias, concentram-se as pessoas que menos têm voz não por causa de alguma

tendência inata, mas porque quanto mais pobre e escuro for o acusado de qualquer crime, maiores serão suas chances de ser detido, condenado e encarcerado. O próprio funcionamento do sistema cria dentro das instituições uma amostra questionável mais representativa de pobres e discriminados do que de qualquer inclinação criminosa. Daí a segunda inquietação: esses indivíduos estão em condições de negociar os termos de sua participação numa pesquisa acadêmica?

Depois da Segunda Guerra Mundial e da constatação de atrocidades perpetradas por cientistas do regime nazista, a comunidade científica mundial se viu incumbida – em Genebra, Nuremberg, Helsínquia – de estabelecer as bases éticas de sua prática. No topo da lista de prioridades constava o princípio de que nenhum sujeito humano deveria ser incluído numa investigação sem ter compreendido e assentido, livre de qualquer coerção, aos riscos e objetivos da pesquisa. Num primeiro momento, reinava uma crença ingênua de que regimes autoritários tinham o monopólio da má ciência. O espírito crítico, a transparência e a neutralidade, vistos como atributos típicos das democracias ocidentais, seriam os ingredientes necessários e suficientes para o bom desenvolvimento científico. Foi um médico da Universidade de Harvard, Henry Beecher, o primeiro a levantar suspeitas quanto à ética de pesquisa no seio da democracia. Em 1966, ele publicou um levantamento de 22 projetos desenvolvidos por cientistas qualificados e bem-intencionados em que os seres humanos examinados tinham sido, de alguma forma, prejudicados pela pesquisa. Uma das críticas mais alarmantes era que os sujeitos pesquisados faziam parte de populações que não tinham condições de recusar participação: recrutas militares, portadores de deficiência mental, idosos... Seguindo nessa linha de reflexão, a investigação científica envolvendo adultos ou adolescentes privados de liberdade seria ainda mais preocupante. Pergunta-se: esses indivíduos estão em condições de negociar os termos de sua participação numa pesquisa acadêmica? Trata-se de uma questão ética que vai muito além da assinatura em um formulário de consentimento informado.

Certamente, é do interesse de adolescentes privados de liberdade receber todos os benefícios de tratamento e terapia que o aparelho estatal tenha a oferecer. O problema não é aplicar testes para realizar programas voltados para o bem-estar dos indivíduos em questão. O perigo surge quando projetamos generalizações a partir de casos individuais, usando estereótipos que envolvem aspectos de cor e de classe para formular as hipóteses e orientar as interpretações. Se, por ventura, fosse constatada uma desproporção de jovens com problemas neurológicos no grupo de adolescentes homicidas, caberia então localizar, como grupo de controle, adolescentes não-infratores com problemas semelhantes. Investigar os fatores que levaram ao relativo sucesso destes últimos apontaria para as

condições sociais (terapêuticas e outras) relevantes para a realização individual e o entrosamento na vida social. Sem esse cuidado metodológico, o problema da pesquisa se transforma em tautologia, garantindo de antemão conclusões que ligam patologia médica com comportamento anti-social.

Há no Brasil inúmeros centros de estudos interdisciplinares que reúnem pesquisadores para tentar entender o fenômeno da violência. Já demonstraram, com farta ilustração empírica, o impacto de fatores tais como qualidade de educação, possibilidades de renda, atividades de lazer e cultura, acesso ao consumo e busca de visibilidade social. Sem dúvida, concordariam que a violência é um problema de saúde pública, mas insistiriam que a saúde envolve muito mais do que eventuais problemas cerebrais. Preocupados com as consequências políticas e éticas da pesquisa, eles evitariam termos reducionistas (adolescente homicida, mente criminosa) que arriscam reforçar o estigma contra as pessoas pesquisadas.

Enfim, o saber científico não se constrói em termos maniqueístas. Pesquisadores de todas as áreas lidam com dilemas éticos que não são de fácil solução. A presente polêmica, ao relevar as inevitáveis facetas políticas e morais de qualquer pesquisa, tem o efeito salutar de ampliar o círculo de interlocutores, alertando inclusive os leigos para a necessidade de acompanhar de mais perto o andamento da ciência.

* Doutora em Antropologia, Professora do PPGAS/UFRGS

* Doutora em Educação, Professora do PPG-EDU/UFRGS

Segundo matéria de Rafael Garcia, publicada na Folha de São Paulo, cientistas de universidades gaúchas iniciam este ano pesquisa que pretende determinar se o comportamento de um menor infrator é fruto sua história de vida ou se há algo físico no cérebro levando os jovens à agressividade. Jaderson da Costa, neurocientista da PUC-RS, coordenará os trabalhos de mapeamento cerebral. Um dos maiores entusiastas da pesquisa é o secretário de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul, Osmar Terra, aluno de mestrado de Costa. "Estamos nos baseando em trabalhos que já existem mostrando que há um período crítico no início da vida e que se uma criança é maltratada entre o 8º e o 18º mês ela adquire comportamento alterado na idade adulta", diz Terra. O assunto é delicado e vem gerando polêmica entre pesquisadores. Nas próximas edições pretendemos publicar artigos que analisem o fato a partir de diversos pontos de vista. Interessados em escrever sobre o tema podem enviar seus textos para: imprensa@adufrgs.org.br

DOENÇAS RENAIAS

Prevenção começa na mesa



Noemí Goldraich, Cecília Bueno e Valentina Gomes (setor de Enfermagem da Creche da Ufrgs) participam das atividades do Dia Mundial do Rim, em março. Neste dia, Cecília foi homenageada pela comunidade da creche por ter adotado, durante à sua gestão, o programa de Educação para a Saúde.

Assim como hoje nós lembramos com carinho dos bolinhos de chuva e dos pasteizinhos da mamãe, seria bom que amanhã nossos filhos tivessem entre as boas lembranças gastronômicas da infância, por exemplo, a saladinha de beterraba e pepino, ou o suco de laranja com cenoura. A dica é da médica nefrologista e professora da Faculdade de Medicina da Ufrgs, Noemí Goldraich, para quem o caminho mais curto para evitar doenças crônicas é a prevenção pela alimentação.

Dados da Sociedade Brasileira de Nefrologia indicam que a grande maioria dos pacientes com problemas renais apresentam três doenças de base: hipertensão, diabetes e sobrepeso. A boa notícia é que estas patologias podem ser bem controladas através de uma dieta alimentar e até evitadas se, desde a infância, a criança adquirir bons hábitos alimentares. Aí entra um trabalho intensivo, que exige esforço conjunto da escola e da família. "Não adianta a criança comer bem a semana inteira na escola e mal em casa", observa Noemí.

Como ferrenha defensora da educação para a saúde, ela se indigna com a passividade de muitos pais diante desse alerta. No dia 14 de março, por exemplo, foi realizada uma oficina sobre "Rótulos de Alimentos" na Creche da Ufrgs, da qual

pouquíssimos pais participaram. "Eles precisam saber o que os filhos devem comer e também dar o exemplo", orienta. Na oficina, estudantes de Medicina e de Nutrição explicaram a maneira correta de ler os rótulos dos alimentos e ressaltaram a importância das famílias adotarem este hábito como forma de controlar melhor o consumo de alimentos industrializados, responsáveis por 77% do sal que consumimos.

Segundo levantamento apresentado, apenas 26% da população brasileira lêem os rótulos de todos os alimentos e 70% consideram difícil identificar os componentes. A atenção deve ser voltada para três substâncias: calorias, sal e gordura. A quantidade ideal de calorias e sal a ser ingerida varia de pessoa para pessoa, de acordo com o sexo, a idade e o peso. Mas há uma tabela de consumo médio que pode ser seguida

(adulto - 5g sal/dia; criança de 4 a 6 anos - 1,7g sal/dia e crianças de 7 a 10 anos - 2,5 sal/dia). Noemia recomenda também o leite desnatado para os pequenos. "É preciso acabar com essa besteira de achar que criança tem que tomar leite integral. O importante do leite são o cálcio e as proteínas, que estão em mesma quantidade no desnatado e no integral. O que o segundo tem a mais é gordura, que é dispensável", afirma.

A atividade na Creche foi uma das muitas que aconteceram durante a intensificação da campanha "Previna-se", no mês de março, quando se comemora o Dia Mundial do Rim (13). Além da oficina para pais e professores, foram realizadas várias brincadeiras com a criançada, como a do trenzinho dos alimentos e o desenho com beterrabas. Desenvolvida pela artista plástica, professora de artes e ex-diretora da Creche da Ufrgs, Cecília Bueno, a técnica do desenho com beterrabas tem sido usada no projeto de Prevenção de Doenças Crônicas como uma das maneiras de estimular as crianças a comer vegetais e saladas.

A "Previna-se" chegou à Creche da Ufrgs em 2004, com a realização de inúmeras atividades voltadas para pais, alunos e educadores que têm como objetivo introduzir hábitos alimentares saudáveis na rotina das crianças e das famílias. Quatro anos depois, Noemia contabiliza as conquistas. "Conseguimos introduzir o peixe duas vezes por semana no cardápio da creche, acabaram-se os sucos de gelatina e o adotamos o 'aniversário saudável', onde salgadinhos industrializados e refrigerantes são proibidos", comemora a médica.

Da escola para o rádio

Partindo da idéia de que a escola também deve ser promotora da saúde e da cidadania, juntaram-se as professoras Noemia Goldraich, da Medicina e Sandra de Deus, do Jornalismo, para criar o projeto "Radialista Mirim - na prevenção da saúde". O novo projeto de extensão faz uma interface entre comunicação e saúde e tem como objetivo trabalhar na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis na Creche da Ufrgs. Entre as atividades estão previstas visitas a supermercados, onde as crianças farão usos de gravadores e microfones para entrevistar as pessoas sobre alimentação saudável e depois ouvirão o programa feito por elas mesmas. Além disso, o projeto irá proporcionar aos estudantes de Comunicação da Ufrgs um contato com a prática de rádio, uma vez que estes vão ajudar a elaborar os programas das crianças. No próximo Salão de Iniciação Científica, serão apresentados os primeiros resultados do "Radialista Mirim".



Educação prisional em debate na Ufrgs

Membros do Poder Judiciário e da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul estiveram com o reitor José Carlos Hennemann, em março, para discutir a questão da educação prisional. Além de juízes corregedores, do presidente do Conselho Deliberativo da ONG Parceiros Voluntários, Humberto Ruga, participaram do encontro pró-reitores e professores envolvidos com trabalhos nessa área. Foram apresentadas e debatidas diversas possibilidades de parceria com a Universidade em projetos específicos. Na ocasião, Hennemann reafirmou a necessidade de uma instituição pública como a Ufrgs envolver-se em questões sociais dessa natureza e ressaltou que algumas unidades acadêmicas já desenvolvem ações nesse sentido.

Teatro na maioridade

O Colégio de Aplicação da Ufrgs está recebendo inscrições para a atividade de extensão "Fazendo teatro na maioridade", dirigida a maiores de 50 anos. O objetivo do curso é oferecer um espaço e conhecimento para as pessoas que sentem atração pelo teatro e atingiram a maturidade sem jamais terem tido a oportunidade de desenvolver suas habilidades teatrais nessa área. Durante as aulas, que ocorrerão nas segundas-feiras, das 8h30min às 10h30min, os participantes deverão realizar exercícios e jogos teatrais, improvisações e montagem de peças. A atividade é gratuita. Mais informações pelo telefone 3308-6996, das 9h às 17h.

Veterinária ganha novo prédio

Inaugurado no dia 24 de março o prédio de salas de aula da Faculdade de Veterinária, no Campus do Vale. A construção com 1.584 m² de área abrigará dez salas de aula para 60 alunos, equipadas com ar condicionado tipo Split, sistema multimídia e pontos de rede, além de secretarias das comissões de Graduação e Pós-graduação, laboratório de informática e salas de apoio. O novo prédio atenderá mais de 500 alunos de graduação e 200 de pós-graduação.

Este espaço foi criado para mostrar o cotidiano nos Campi da Ufrgs. Envie sugestões de tema e questões que envolvam a comunidade universitária para imprensa@adufrgs.org.br

NOVO MOVIMENTO DOCENTE

Consolidação do Proifes impulsiona sindicato local no Mato Grosso do Sul

Resultado da campanha salarial 2007, o melhor dos últimos 20 anos, consolida o Proifes como entidade representante dos professores das universidades federais e fortalece a idéia de fundação de sindicatos locais. No Mato Grosso do Sul, o debate será retomado com mais força em 2008, com a perspectiva de consolidação em curto prazo. Nesta edição, entrevistamos o presidente da Associação de Docentes da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Adufms) e um dos fundadores do Proifes, Paulo Roberto Haidamus, sobre como e quando surgiu o descontentamento com a conduta da Andes e os motivos que levaram o grupo que coordena a atual diretoria a buscar novos caminhos.

Adverso – Como o senhor avalia a extensão da crise do Movimento Docente no Mato Grosso do Sul?

Paulo Roberto Haidamus – Há mais ou menos sete anos, desde que a corrente política que dirige atualmente a Adufms, da qual faço parte, assumiu, começamos a ficar muito insatisfeitos com os encaminhamentos adotados pela Andes com relação à representação. Os temas diretamente vinculados ao Movimento Docente ficavam em segundo plano nos fóruns de discussão, para dar lugar a assuntos que não teriam, a priori, relação direta com nossa pauta de reivindicações. Então iniciamos um processo de afastamento e com isso nos aproximamos de vários militantes, de toda parte do Brasil, que pensavam como nós. Essa aliança se fortaleceu durante o seminário Universidade do Século XXI, em Brasília, quando ajudamos a compor uma chapa de oposição que concorreria à eleição da Andes em 2004.

Adverso – Mas vocês já faziam parte do grupo Andes-Sind?

Paulo Haidamus – Na realidade, não. Nós éramos simpatizantes. A aproximação mesmo aconteceu um pouco

antes do Universidade do Século XXI. Então começamos a compor um bloco de insatisfeitos, de pessoas que não concordavam com a política adotada pela Andes. Essa situação acabou resultando em várias reuniões para criação de um grupo. Na época, não tínhamos bem claro se seria um sindicato, uma associação ou um fórum. Por questões jurídicas, decidiu-se pelo fórum que trataria do encaminhamento dos temas que realmente interessavam aos docentes. E foi aí que, no final de 2004, fundamos o Proifes, como uma tentativa de resgatar a discussão específica do Movimento Docente nas universidades federais. Naquela mesma época, quando eu estava em meu primeiro mandato como presidente, aprovamos em assembleia a adesão ao Proifes e entramos como uma das Associações de Docentes fundadoras. Desde então, cada vez mais temos certeza que esta foi a decisão correta e adequada: criarmos um fórum que realmente traz perspectivas e oportunidades para a base.

Adverso – O Proifes tem resolvido as questões em parte, porque legalmente a categoria continua sem sindicato. São Carlos e Minas Gerais já criaram seus

sindicatos locais e em muitas outras ADs já existe um movimento nesse sentido. Como está essa questão aí na Adufms?

Paulo Haidamus – O governo percebeu que o Proifes estava além dessa política sectária e fundamentalista do grupo opositor e nos deu assento nas mesas de negociações e nos Grupos de Trabalho (GTs), embora não sejamos sindicato. Temos realmente essa questão legal a definir, mas por outro lado já somos reconhecidos como representantes dos docentes, tanto que na última campanha salarial quem assinou os acordos com o governo foi o Proifes, pois a Andes retirou-se das mesas de negociação.

Adverso – Mas isso é suficiente?

Paulo Haidamus – Não. Precisamos ir mais adiante. É tudo uma questão histórica de transição. Como houve a possibilidade de criação desse fórum, com um número cada vez maior de simpatizantes, de pessoas que realmente acreditam que a Andes não represente mais os interesses da categoria, demos esse primeiro passo. Agora buscamos uma, não diria transformação, mas uma metamorfose deste fórum em uma confederação. A gente pensa que esse deve ser o caminho, depois da concretização dos sindicatos locais, para buscar uma interlocução formal, quer dizer, conforme a lei.

Adverso – Então o primeiro passo seria a fundação dos sindicatos locais?

Paulo Haidamus – Depois de várias reuniões que tivemos para discutir a maneira mais adequada de colocar essa ideia em prática, chegamos à conclusão que a melhor delas seria a criação de sindicatos locais. E talvez, a curto e médio prazo, possamos conseguir viabilizar um sistema federativo sindical, a partir de sindicatos.

Adverso – Como está esse processo no Mato Grosso do Sul?

Paulo Haidamus – Ainda embrionário. Houve um pontapé inicial durante a gestão passada. Na verdade foi uma discussão muito tênue que não progrediu de lá para cá devido a demandas políticas e administrativas que nos consumiram tempo e energia. Em 2008 pretendemos retomar essa discussão, primeiro com nossos apoiadores e depois montar uma estratégia de luta. O resultado da última campanha salarial, sem dúvidas, fortaleceu muito o Proifes, mas agora precisamos tratar da reestruturação da Carreira Docente e de outras questões que, na verdade, vão consolidar de uma vez por todas o Proifes como a principal liderança dos professores. E isso vai nos ajudar nesse trabalho de fundação do sindicato local. É claro que as discussões podem acontecer paralelamente.

Por que discutir a relação com a Andes?

por Daltro José Nunes



Depois de Maria Aparecida Castro Livi e Sérgio Nicolaiewsky falarem sobre a necessidade urgente da Adufrgs iniciar uma discussão sobre a ligação com a Andes, que não representava os professores do ponto de vista legal, chegou a vez de Daltro José Nunes, do Instituto de Informática da Ufrgs, expor seus argumentos.

"A relação com a Andes é bastante complicada, uma vez que esta não representa, efetivamente, os professores das Ifes. Nesse aspecto, o Proifes tem desempenhado muito melhor esse papel, porque trata dos interesses específicos dos docentes. E depois, a Andes legalmente não é um sindicato e nós precisamos de um sindicato, porque temos problemas trabalhistas a serem resolvidos. Como a Andes não é sindicato e provavelmente não vai ganhar esse direito, para não perdermos mais tempo, temos que criar nosso próprio sindicato.

Em função das posições políticas de suas últimas diretorias, a Andes tem se desviado dos interesses das Ifes em geral, e seus diretores têm exercido um papel autoritário nas decisões de assembleias e congressos. Dificilmente o que não é apoiado pela diretoria da Andes é aprovado

em assembleias. As pautas são elaboradas pelas diretorias e para todos os tópicos já existe uma decisão tomada antes da votação. Nos congressos, acontece a mesma coisa. Isso não é democracia e só interessa ao grupo político que comanda a Andes há vários anos.

Temos que fortalecer ainda mais o Proifes, que de fato representa nossos interesses e tem demonstrado seu caráter democrático, aplicou o sistema de voto eletrônico, onde professores de todo o País podem contribuir. Mas embora nos represente melhor, o Proifes não é sindicato, por isso precisamos resolver a questão legal. A primeira alternativa que vejo é criar um sindicato local, que depois venha se juntar a outros e formar uma federação nacional. Isso irá resolver grande parte de nossos problemas trabalhistas".

A Universidade pode servir aos interesses da maioria da população?

Este ano haverá mais uma vez na Ufrgs o processo de escolha da equipe dirigente da Universidade, isto é, do reitor, vice e seus auxiliares. É, portanto, um bom momento de reflexão sobre a nossa Universidade e a universidade brasileira em geral.

por Carlos Schmidt *

A universidade é uma instituição da sociedade onde se cria e se difunde o conhecimento. Conhecimento que deve servir para o desenvolvimento social, cultural e econômico da sociedade. Esta fórmula é consensual. No entanto, a forma de precisar cada um destes termos é objeto de um profundo dissenso. Por exemplo, o desenvolvimento econômico pode ser interpretado como crescimento do produto, com base no capital privado de grandes grupos nacionais e estrangeiros que buscam maximizar seu excedente, acumular capital independente das consequências sociais, ambientais e culturais.

A Universidade nesta perspectiva vai desenvolver pesquisa científica e tecnológica para papeleiras, siderúrgicas, mineradoras, petroquímicas, latifúndios, etc. Há uma grande ilusão dos pesquisadores que participando dos projetos propostos pelos grandes grupos estarão fazendo pesquisas neutras, que ajudarão a descobrir novos produtos e novos processos, e que sua utilização depende da sociedade e não deles. É como diz o jovem pesquisador Henrique Novaes, estão com a visão obscurecida pelo fetiche da tecnologia. O que vão fazer é cumprir a agenda destes grupos, onde a apropriação do seu trabalho se dará segundo os interesses de lucratividade do capital, independentemente de eventuais efeitos negativos para a sociedade.

A visão reducionista, que é muito forte na academia, permite esta cooptação e faz que uma certamente honesta pesquisadora da genética, devido à falta de conhecimentos, mesmo elementares, fora de sua área, justifique a transgenia na agricultura para resolver o problema da fome, enquanto se sabe que este problema é econômico e social. A área agricultável existente, se bem trabalhada com métodos respeitosos do ambiente, pode produzir alimentos para o dobro da população mundial atual.

Vivemos em uma sociedade onde há hegemonia dos interesses do capital e a Universidade não é imune a isso. No plano ideológico estes interesses afirmam a neutralidade da ciência e da tecnologia. Assim, a operação de sedução do capital dirigida aos pesquisadores, através de polpudas verbas, não é perturbada por dramas de consciência, uma vez que a utilização dos resultados não lhes compete. Aliás tal perspectiva é facilitada pela visão que tem uma parte da esquerda, que sempre considerou positivo o desenvolvimento das forças produtivas e do conhecimento.

Cabe aos segmentos que têm uma visão transformadora do mundo, na Universidade, e porque não na sociedade, desenvolver uma agenda alternativa de pesquisa e de difusão do conhecimento. Para tal é necessário trazer as demandas dos movimentos sociais e criar linhas de pesquisa, cursos, atividades que fazem a simbiose do conhecimento acumulado por estes movimentos com o conhecimento científico que corresponda às necessidades da maioria da sociedade.

Cada vez mais os movimentos sociais articulam suas demandas imediatas com uma nova visão de sociedade onde imperaria a cooperação e a solidariedade. Percebem que neste quadro de hegemonia do capital suas demandas por uma vida melhor e mais digna esbarram na lógica imperiosa do mercado. Assim, para resolver os problemas mais simples aparece a necessidade de mudar o quadro institucional. Os processos sociais na Bolívia e Equador são uma demonstração empírica desta questão.

Desta forma, pesquisadores e extensionistas (professores, técnicos e estudantes) da Universidade que buscam uma alternativa civilizatória à barbárie crescente, têm que se debruçar sobre uma agenda nas diversas áreas do conhecimento que sirva de base para construção de um novo contrato social. Esta agenda deve ser formulada em conjunto com os movimentos sociais, ser interdisciplinar e articular as demandas imediatas das maiorias sociais com o longo prazo. Aliás, os elementos de longo prazo devem nortear as demandas de curto prazo.

Por exemplo, a alimentação saudável produzida em condições de respeito ao meio ambiente pode ser um objetivo de curto e médio prazo, que está articulado com o desenho de uma nova sociedade onde o mercado não regularia o atendimento das necessidades básicas da população, uma vez que estas seriam tratadas como direito. Para que isto ocorra, certamente haveria a necessidade de planejamento, e diferentemente dos modelos do passado que foram burocráticos e autoritários, teriam que ser democráticos.

A Universidade, ou pelo menos seus segmentos mais progressistas, formularia uma agenda de pesquisa, formação, extensão junto com os movimentos sociais, que trataria do tema de forma interdisciplinar, onde se estudaria a agricultura ecológica, relacionando saberes tradicionais e formalizados, tanto no que se refere aos manejos, como aos fundamentos físico-químicos e biológicos destas práticas, como ainda no que se refere à arquitetura institucional e políticas públicas que lhes são suporte. As conclusões dos estudos teriam tanto interesse acadêmico como social.





Tentativas no

sentido de uma produção e difusão de conhecimento alternativo já existem, mas são minoritárias, carecem de

recursos e são estigmatizadas como pouco científicas, embora saibamos que nas diversas áreas, muitas destas pesquisas estão na fronteira do conhecimento. No aparato estatal de fomento à pesquisa que existe hoje, o julgamento de relevância e qualidade dos projetos é contaminado, com exceções, por uma visão reducionista e subordinada aos interesses hegemônicos do capital. Por outro lado, a Universidade que tem autonomia mitigada não possui verbas para pesquisa.

Pode-se pensar que todas estas questões são interessantes, mas como viabilizá-las? Ainda mais que, mesmo o atual governo formado por muitos quadros contestadores do passado, inclusive da Universidade, a mantém atrelada aos interesses do capital (vide Lei de Inovação Tecnológica e outras questões), além de perdurarem as restrições à autonomia universitária (vide a manutenção da escolha do reitor pelo governo, a partir da lista tríplice).

O que propomos são coisas simples, pois uma nova Universidade só existiria em uma nova sociedade. Na realidade, o que neste momento se faz necessário são novos espaços para o alternativo, o novo, o popular. Não estamos pensando em obrigar as pessoas a fazer o que não querem, mas sim a praticar um pluralismo que hoje é limitado pela hegemonia do capital.

Estas diferenças vão emergir se houver a possibilidade de ampliar o debate democrático, onde todos os membros da comunidade universitária e a sociedade possa participar. Isto só acontecerá se os órgãos decisórios da Universidade não discriminarem em termos de representação os diferentes segmentos da comunidade universitária e se ampliar significativamente a representatividade dos movimentos que representam os interesses das maiorias da sociedade. Hoje os conselhos são *chasse gardée* dos professores, e estes são eleitos de forma esdrúxula (meio senado, meio representação direta). Pior ainda, as eleições são despolitizadas, fruto de conchavos, em vez de uma lista com um programa para a instituição.

Estudantes e funcionários juntos têm 30% do total dos representantes. Curioso que apesar da meritocracia justificar esta exigüidade representativa, as propostas mais generosas (como as cotas) e as administrativamente mais sérias (limitação do número de fundações) foram aprovadas ou rejeitadas com o apoio majoritário dos segmentos subrepresentados. A mais ampla democracia aplicada à formulação do projeto institucional, à gestão, ao orçamento, pode criar um clima adequado para renovação, assim como reforçar a interlocução da Universidade com a sociedade e governos de forma inclusiva a obter meios para, na perspectiva das maiorias, criar e difundir conhecimento para o desenvolvimento social, cultural e econômico da sociedade.

* Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Ufrgs

ADUFRGS - ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS		FOLHA 2
RUBRICAS / MESES	SET	ACUMULADO
RECEITAS	165.501,36	1.503.833,15
RECEITAS CORRENTES	136.514,98	1.219.510,58
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	136.514,98	1.219.510,58
RECEITAS PATRIMONIAIS	26.098,64	244.586,24
RECEITAS FINANCEIRAS	26.098,64	243.915,23
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	0,00	671,01
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICais	421,16	18.094,80
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	421,16	18.094,80
OUTRAS RECEITAS	2.466,58	21.641,53
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	2.466,58	21.641,53
DESPESAS	135.037,67	1.196.375,15
DESPESAS CORRENTES	135.037,67	1.196.375,15
DESPESAS COM CUSTEIO	36.446,39	330.880,56
DESPESAS COM PESSOAL	23.001,79	185.759,60
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	3.911,72	42.371,99
DESPESAS DE EXPEDIENTE	1.729,35	12.232,87
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	621,29	8.419,12
SERVIÇOS DE TERCEIROS	4.197,21	38.004,60
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	142,68	15.697,52
DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES	2.095,29	18.570,22
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	699,26	9.259,84
ENCARGOS FINANCEIROS	47,80	564,80
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	52.239,38	441.687,40
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	874,99	9.018,68
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	0,00	22.586,20
DESPESAS COM VIAGENS	6.413,18	74.219,89
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO -CULTURAIS	2.895,00	27.831,08
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	14.642,68	48.763,51
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	24.013,53	227.736,73
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00	931,31
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	3.400,00	30.600,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	46.351,90	423.807,19
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	27.302,99	252.719,33
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	7.524,11	67.427,60
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	11.524,80	103.660,26
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	30.463,69	307.458,00
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	307.458,00	307.458,00

ADUFRGS - ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS **FOLHA 2**

RUBRICAS / MESES	OUT	ACUMULADO
RECEITAS	168.581,68	1.672.414,82
RECEITAS CORRENTES	136.203,62	1.355.714,20
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	136.203,62	1.355.714,20
RECEITAS PATRIMONIAIS	29.489,78	274.076,02
RECEITAS FINANCEIRAS	29.437,16	273.352,39
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	52,62	723,63
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICais	49,73	18.144,53
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	49,73	18.144,53
OUTRAS RECEITAS	2.838,54	24.480,07
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	2.838,54	24.480,07
DESPESAS	147.047,90	1.343.423,05
DESPESAS CORRENTES	147.047,90	1.343.423,05
DESPESAS COM CUSTEIO	38.651,33	369.531,89
DESPESAS COM PESSOAL	23.079,97	208.839,57
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	4.421,51	46.793,50
DESPESAS DE EXPEDIENTE	2.627,20	14.860,07
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	994,91	9.414,03
SERVIÇOS DE TERCEIROS	4.247,21	42.251,81
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	274,48	15.972,00
DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES	2.097,65	20.667,87
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	886,60	10.126,44
ENCARGOS FINANCEIROS	41,80	606,60
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	62.132,14	503.819,54
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	780,63	9.799,31
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	9.552,00	32.138,20
DESPESAS COM VIAGENS	7.683,21	81.903,10
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO -CULTURAIS	2.875,00	30.706,08
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	19.071,40	67.834,91
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	18.769,90	246.506,63
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00	931,31
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	3.400,00	34.000,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	46.264,43	470.071,62
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	27.240,72	279.960,05
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	7.524,11	74.951,71
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	11.499,60	115.159,86
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	21.533,77	328.991,77
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	328.991,77	328.991,77

BALANÇETES – VALORES MENSAIS - 2007

RUBRICAS / MESES	NOV
ATIVO	3.726.654,19
FINANCEIRO	3.477.727,08
DISPONÍVEL	1.104.688,93
CAIXA	8.007,17
BANCOS	5.401,92
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA	1.091.279,84
REALIZÁVEL	2.373.038,15
APLICAÇÕES FINANCEIRAS A CURTO PRAZO	2.335.602,93
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	2.335.602,93
ADIANTAMENTOS	5.188,68
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS	5.188,68
OUTROS CRÉDITOS	10,47
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITO	10,47
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTES	1.212,30
PRÊMIOS DE SEGURO A VENCER	1.212,30
ESTOQUES ALMOXARIFADO	31.023,77
ATLAS AMBIENTAL	31.023,77
ATIVO PERMANENTE	248.927,11
IMOBILIZADO	235.436,99
BENS IMÓVEIS	258.103,71
BENS MÓVEIS	146.666,69
(-)DEPRECIACOES ACUMULADAS	(169.333,41)
DIFERIDO	13.490,12
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS	12.071,48
BENFEITORIAS EM BENS DE TERCEIROS	16.425,74
(-)AMORTIZAÇOES ACUMULADAS	(15.007,10)

PASSIVO	3.358.048,11
PASSIVO FINANCEIRO	53.298,23
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS	13.040,11
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS	6.743,94
CREDORES DIVERSOS	6.296,17
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS	40.258,12
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL	40.258,12
SALDO PATRIMONIAL	3.304.749,88
ATIVO LÍQUIDO REAL	2.960.080,88
SUPERAVIT ACUMULADO	344.669,00

ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS		FOLHA 2
RUBRICAS / MESES	NOV	ACUMULADO
RECEITAS	165.938,79	1.838.353,61
RECEITAS CORRENTES	136.031,73	1.491.745,93
- RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	136.031,73	1.491.745,93
RECEITAS PATRIMONIAIS	27.004,37	301.080,39
RECEITAS FINANCEIRAS	26.767,13	300.119,52
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	237,24	960,87
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICais	798,69	18.943,22
- PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	798,69	18.943,22
OUTRAS RECEITAS	2.104,00	26.584,07
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	2.104,00	26.584,07
DESPESAS	126.324,48	1.469.747,53
DESPESAS CORRENTES	126.324,48	1.469.747,53
DESPESAS COM CUSTEIO	33.913,99	403.445,88
DESPESAS COM PESSOAL	22.249,71	231.089,28
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	4.344,24	51.137,74
DESPESAS DE EXPEDIENTE	1.052,12	15.912,19
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	671,48	10.085,51
SERVIÇOS DE TERCEIROS	4.047,21	46.299,02
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	278,58	16.250,58
DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES	265,94	20.933,81
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	902,84	11.029,28
ENCARGOS FINANCEIROS	101,87	708,47
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	46.088,04	549.907,58
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	889,87	10.689,18
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	0,00	32.138,20
DESPESAS COM VIAGENS	9.740,92	91.644,02
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS	9.342,08	40.048,16
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	3.246,90	71.081,81
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	19.468,27	265.974,90
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00	931,31
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	3.400,00	37.400,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	46.322,45	516.394,07
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	27.206,34	307.166,39
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	7.524,11	82.475,82
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	11.592,00	126.751,86
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	39.614,31	368.606,08
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	368.606,08	368.606,08

EDUARDO ROLIM DE OLIVEIRA
Presidente

NINO H. FERREIRA DA SILVA
Contador - CRC-RS 14.418

Este é o espaço dos convênios Adufrgs, com informações atualizadas e dicas para você e sua família. Faça já sua carteirinha de sócio! Entre na página eletrônica, acesse o link "Convênios", consulte a lista e aproveite todas as oportunidades que a Adufrgs lhe oferece.

Convenios

Alimentação

Atelier de Massas

Desconto de 10%
Rua Riachuelo, 1482, Centro
(51) 3225.1125

Bom Bocado – Confeitaria

Desconto de 5% (exceto almoço)
Rua Silva Jardim, 425 - Auxiliadora
(51) 3330.9920
www.bombocado.net

Empório Santa Gula

Desconto de 10%
Rua Cabral, 135
(51) 3388.7064

La Pizza Mia

Desconto de 10%
Rua Eudoro Berlink, 822, Auxiliadora
(51) 3330.1234
www.lapizzamia.com.br

Restaurante Ilha Natural

Desconto de 6% no almoço
Rua General Vitorino, 35, Centro
(51) 3224.1543 / 3224.4738

Taverna Monte Polino

Desconto de 25%
Preço especial para grupos com mais de 10 pessoas
Aniversariante, acompanhado de mais quatro pessoas, não paga.
Rua Barão do Gravataí, 531, Menino Deus
(51) 3224.2372

Vitrine Gaúcha

Desconto de 10% de desconto sobre o preço de tabela dos produtos e/ou serviços.
Shopping DC Navegantes
Rua Frederico Mentz, 1561, lojas 133 e 137
(51) 3374.5474
(51) 3374.5447
www.vitrinegaucha.com.br

EXPANSÃO DAS IFES

Ufrgs aumenta oferta de vagas em mais de 30% até 2012

Nos próximos cinco anos, período previsto para vigência do Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), a Ufrgs vai ampliar o número de vagas em mais de 30%. As novas vagas serão distribuídas entre os novos cursos e os atuais.

As ações de expansão previstas no Reuni se estendem à assistência estudantil, que em 2008 distribuirá 300 novas bolsas, o que quase dobra o número atual, que é de 350. Um restaurante universitário no Campus da Esef e mais uma casa de estudantes no Campus do Vale também estão na lista de medidas a serem tomadas para assegurar a permanência do estudante na universidade até o final do curso. O combate à evasão é uma das principais metas do Reuni, que pretende alcançar o índice de 90% de conclusão nos cursos de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes).

O número de cursos deve subir de 69 para 82 até 2012. Para 2009, já estão aprovados os cursos de Biologia Molecular, Fisioterapia e Dança. Outros quatro estão em tramitação no MEC. Segundo informou o vice-reitor Pedro Fonseca, durante entrevista coletiva no início de março, existe a possibilidade de ser criado um curso noturno de Odontologia, que

atenderia uma demanda antiga. Os novos cursos são propostos a partir de necessidades detectadas pelos 94 departamentos que compõem as 27 unidades da Ufrgs e devem surgir a partir de um novo modelo pedagógico. "As propostas não são fechadas, podendo sofrer alterações ao longo do tempo", esclarece Fonseca.

Com relação às cotas étnico-raciais e sociais, Pedro Fonseca acredita que mudará pouco a rotina da Ufrgs, uma vez que, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, a Universidade já atendia um grande número de estudantes oriundos da rede pública. Em algumas áreas, segundo ele, o percentual de alunos de escolas públicas ultrapassa o de alunos de escolas privadas. A mudança fica por conta de alguns cursos ditos "elitistas", como Medicina, Odontologia, Direito, entre outros. A presença de estudantes indígenas, oriundos de aldeias, é que representa a grande novidade no quadro discente da Ufrgs.

O excelente desempenho dos cursos de pós-graduação da Ufrgs foi destacado pelo reitor José Carlos Ferraz Hennemann. De acordo com a última avaliação do MEC, 70% deles atingiram notas 5 (muito bom), 6 (excelente) e 7 (padrão internacional). Hennemann acredita que esse resultado se deve, em parte, à qualificação do corpo docente da Universidade, que em 1985 tinha 19% de doutores e em 2007 atingiu o percentual de 77%. Outro fator determinante é o envolvimento de um número significativo de alunos da graduação em projetos de pesquisa.

Hennemann apresentou números que indicam o crescimento da universidade desde a década de 60 e lembrou que, atualmente, a Ufrgs está entre as 500 melhores universidades do mundo. Neste ranking há nove universidades latino-americanas, sendo seis brasileiras, todas elas públicas. Os critérios de avaliação utilizados são produtividade, impacto e excelência.

Crescimento dos cursos de graduação

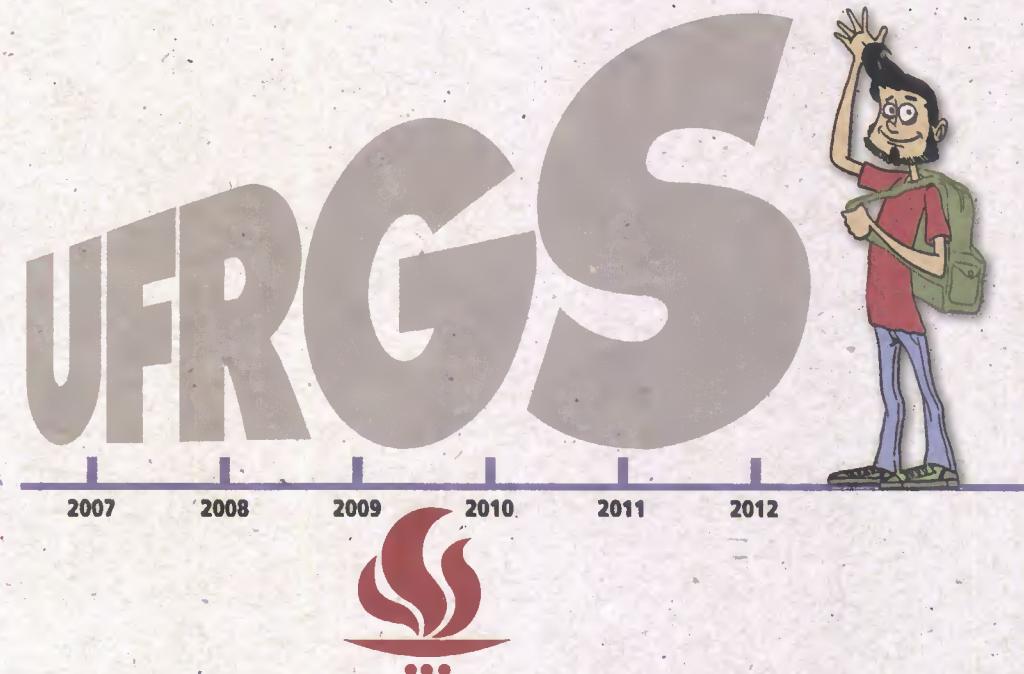
1990 – 44
2008 – 69
2012 – 82

Ampliação do número de vagas

2008 – 4.342
2012 – 5.768

Qualificação do corpo docente

1985 – 19% de doutores
2007 – 77% de doutores



Unipalmares forma primeira turma



A festa foi dia 14 de março, em São Paulo, e reuniu 126 formandos – 87% negros – do curso de Administração da Faculdade Zumbi dos Palmares. Além dos familiares, a cerimônia contou com a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva – como patrono da turma –, acompanhado da primeira-dama, Marisa Letícia e de seis ministros. Participaram também o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, o governador de São Paulo, José Serra, o ex-governador Geraldo Alckmin e a secretaria de Estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva, os dois últimos como paraninfos.

A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, criada em 2003 pela organização não-governamental Afrobrás, é a única instituição idealizada por negros tendo como foco a cultura, a produção e a difusão dos valores da diversidade. De caráter comunitário, não possui fins lucrativos e tem como meta trabalhar pela inclusão dos afrodescendentes e dos oriundos da escola pública no ensino superior no Brasil.

Contrariando todas as estatísticas das demais universidades, disponibiliza 50% das vagas para alunos negros. As aulas são ministradas em São Paulo e no período noturno, uma decisão que demonstra a preocupação da faculdade com os alunos que precisam trabalhar. Hoje a Unipalmares tem dois mil alunos e uma faculdade de Direito, autorizada pelo MEC e recomendada pela OAB.

(Fonte: MEC e Unipalmares)

Conversa Afiada tem novo endereço

O jornalista Paulo Henrique Amorim, demitido por fax pelo portal iG, no dia 18 de março, reativou o "Conversa Afiada" menos de 9 horas depois do site ter sido retirado do ar. Em novo endereço (www.paulohenriqueamorim.com.br), Amorim esclareceu o fato:

"O iG rescindiu meu contrato que ia até 31 de dezembro de 2008. O 'Conversa Afiada' continua o mesmo – e mais livre, aqui, neste novo espaço. Não é a primeira vez que me mandam embora de uma empresa jornalística. Só o Daniel Dantas me 'tirou do ar' duas vezes: na TV Cultura e no Uol. E ele sabe que não vai me tirar, nunca ... Com isso, se encerrou a vida deste blog num portal da internet. Nenhum blog de relevância política nos Estados Unidos, por exemplo, está pendurado num portal. Clique aqui para ver: <http://www.huffingtonpost.com> ou <http://www.talkingpointsmemo.com>, para ficar em dois dos melhores exemplos. Essa é a virtude da internet: último reduto do jornalismo independente".

(Fontes: Carta Maior e Conversa Afiada)

Portugal dá aval à Reforma Ortográfica

O fim do trema em todo o vocabulário e de acentos em palavras como "vôo", "idéia" e "lêem", ficou mais próximo com a decisão do conselho de ministros de Portugal de aderir ao acordo ortográfico entre os países de língua portuguesa firmado em 1991. Se passar pelo Legislativo, a proposta será submetida ainda ao presidente da República. Mas, segundo declarou à agência Lusa o ministro da Presidência, Pedro Silva Pereira, o governo português tem expresso vontade política de se juntar aos outros Estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

No Brasil, o acordo ortográfico já foi aprovado pelo Congresso e, em tese, está em vigor, uma vez que, para isso, basta a assinatura de três países da CPLP. Além do Brasil, já ratificaram o texto Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

A implantação, porém, vem sendo adiada devido à não-adesão de Portugal. "Os países todos esperam Portugal, até porque se trata do país matriz do português", disse à Folha Luís Fonseca, secretário-executivo da CPLP. Os ministros portugueses estimam um prazo de seis anos para a implementação das mudanças. No Brasil, pode estar presente nos livros didáticos já daqui a dois anos. (Fonte: Folha Online)

Universidades públicas aprovam mais de 60% no exame da OAB

Das 33 instituições de ensino brasileiras que registraram mais de 60% de aprovação na primeira fase do Exame Unificado da Ordem dos Advogados do Brasil, 25 são universidades federais ou estaduais. Os quatro melhores desempenhos entre as 33 facultades listadas na estatística ficaram com a Universidade Estadual de Feira de Santana (91,67%), Universidade Federal da Bahia (88,7%), Universidade Federal do Espírito Santo (88,64%) e com a Universidade de Brasília (87,27%). A primeira fase a que se refere a estatística foi realizada no dia 20 de janeiro deste ano em todos os Estados que adotaram o Exame de Ordem unificado, ou seja, com provas aplicadas no mesmo dia e com conteúdo igual para todos. (Fonte: Folha Online)

<http://www.dowbor.org/>

Aula com o professor Dowbor

Ladislau Dowbor, formado em economia política pela Universidade de Lausanne, Suíça, e doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia (Polônia) é atualmente professor titular no departamento de pós-graduação da PUC de São Paulo, nas áreas de economia e administração. Além do trabalho de consultoria para diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios, atua como Conselheiro na Fundação Abrinq, Instituto Polis e Transparência Brasil.

Autor e co-autor de cerca de 40 livros, e de numerosos artigos, Dowbor traz em seu currículo títulos como "Formação do Terceiro Mundo", "O que é capital?", ambos da Brasiliense, "Aspectos econômicos da Educação", da Ática e "Formação do Capitalismo Dependente no Brasil", publicado na Polônia, na França e em Portugal, além da edição brasileira pela Brasiliense.

O livro está esgotado, mas o texto completo encontra-se disponível na página eletrônica que a Adverso indica nesta edição.

O site disponibiliza livros, artigos, vídeos e aulas completas. Na seção "Dicas de Leitura" é possível encontrar pequenas resenhas, comentários e notas sobre livros e artigos que passam pelas mãos do professor Dowbor. "O objetivo é socializar informações sobre o que anda sendo publicado por aí, nas minhas linhas de pesquisa. Comentários, críticas ou sugestões sobre os livros resenhados ou sobre os comentários são bem-vindos, e podem ser feitos no mural da página", explica. Quanto à seção "Pílulas Informativas", Dowbor considera um tipo de blog científico, onde podemos encontrar "pequenos itens de informação, de diversas fontes, que me parecem significativos para entender tendências do desenvolvimento".

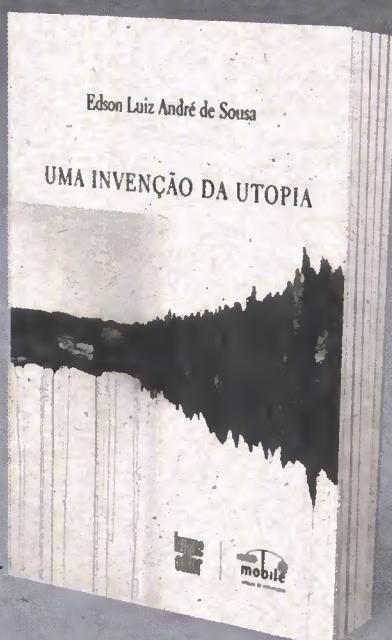
neweconomics.org

Site de visões alternativas da economia, inclusive da teoria econômica, principalmente as originadas em torno da Toes (*The Other Economic Summit*) para se contrapor a Davos. A página trata da construção de uma nova visão da ciência econômica, aliada a *Alternatives Economiques*, da França.

<http://envolverde.ig.com.br>

O site traz ótimas informações sobre os problemas ambientais, com uma visão geral orientada para a cidadania. Os artigos são curtos e interessantes, atraindo atenção para novos desenvolvimentos em curso. Vale a pena se inscrever para receber a mala direta.

A inquietude pelo possível



**Uma invenção
da utopia**

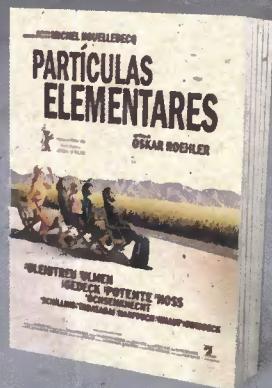
Edson Luiz André de Souza
Lumme Editor
49 páginas
R\$ 20

Edson Souza é psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa). Além de professor da pós-graduação em Artes Visuais e da Psicologia Social da Ufrgs, é doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris 7. Segundo Paulo Endo, psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da USP, "na bolha imensa que recobre os escuros da imaginação, o futuro não é mais do que o ar rarefeito que cada qual busca, sofregamente, inalar em seus próprios pulmões. Em tal lugar, outrora seguro e pacato, cada centímetro cúbico de oxigênio é disputado até a morte. A ningüém, dos que ali vivem e morrem, ocorrerá lancetar com uma agulha de tricô (objeto em desuso) a enorme bolha que cobre as cabeças e as almas condenadas por todos os efeitos da asfixia. Todos estão muito ocupados em respirar, evitando cada esforço adicional, cada pensamento desnecessário, cada palavra excessiva. A iminência da morte e da aniquilação também gera o colapso da

imaginação e a preguiça do pensamento. A partir daí como provocar então 'a experiência radical de perfuração de futuros opacos e sombrios?'. Edson Sousa persegue esse alerta em seu livro 'Uma Invenção da Utopia'. Não há mais passado que legitime e explique a ausência de inquietação sobre o futuro. Todas as desculpas devem ser deitadas ao chão e as lamentações sobre o passado que não foi e o futuro que não será tornaram-se há muito 'imperativos do consenso' que é preciso perturbar. 'A passividade anda de mãos dadas com a tristeza' e essa tristeza não é mais do que um copo, vazio de moedas, ao lado do 'corpo roto que mendiga'. Num mundo sem utopias não poderá haver responsabilização por nossos próprios fracassos, eles serão apenas lamentados e pranteados. Mas a utopia, que Edson Sousa examina como um lapidador de pedras brutas, se instaura na responsabilização do instante, na inquietude pelo impossível e nas fendas do constituído'.

Partículas Elementares

Michel Houellebecq
Editora Sulina
296 páginas
R\$ 45



Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais

Silvana Viodre Goellner e
Edvaldo Souza Couto (orgs)
Ufrgs Editora
184 páginas
R\$ 21



Michel, rigorosamente determinista, é incapaz de amar e de administrar o declínio da sua sexualidade, enquanto Bruno obstina-se na desesperada busca do prazer sexual. Irmãos por parte de mãe, eles ilustram de modo exemplar, através de trajetórias familiares e sentimentais caóticas, o suicídio ocidental. A não ser que anunciem a iminência de uma mutação jamais imaginada pela ficção. Com esta obra, Michel Houellebecq, poeta e romancista, virou fenômeno cultural internacional, objeto da maior polêmica literária da década de 90 na França.

Esta obra é o resultado de várias reflexões sobre a atual valorização do corpo humano, que expressam e acentuam os imperativos da beleza e da boa forma, da juventude e da saúde perfeita. Discutir, por meio de múltiplas abordagens, o uso recorrente e acelerado de condicionamentos, terapias, próteses naturais e artificiais, cirurgias plásticas, implantes, que constroem e dinamizam as performances físicas e mentais dos sujeitos, pode ser definido como o principal objetivo desta publicação.

A alma da cidade está nos detalhes

Após circular durante quase três anos atrás de um detalhe invisível para a maioria dos passantes, Airton Cattani reuniu um arquivo inédito da arquitetura da capital: o impactante mosaico visual das calçadas de Porto Alegre.

por Clarissa Pont



"Quando entrei pela primeira vez na Catedral de São Marcos, em Veneza, aquele piso me chamou atenção. As calçadas são coisas simples, mas podem ter este poder impactante", afirma Cattani ao explicar de onde surgiu a ideia destes registros. Geralmente aos sábados, durante quase três anos, o professor da Faculdade de Arquitetura e do Curso de Design da Ufrgs, saía a pé, acompanhado por uma Olympus OM10 analógica, para registrar as calçadas. As imagens são todas perpendiculares ao chão, o foco de Cattani destaca a

calçada e não a paisagem urbana do entorno. Os ladrilhos coloridos encontrados na Rua Barros Cassal, no Bom Fim, sempre coadjuvantes, são personagem principal nas fotos. E este é apenas um exemplo de tantas calçadas que, para um olhar atento, viram protagonistas do mobiliário urbano. "São os atributos estéticos e formais de detalhes como estes que dignificam o olhar quando a gente passa pela cidade", acredita Cattani. "As calçadas são um equipamento urbano, mas devem ser pensadas como parte também do mobiliário urbano. É uma



forma de pensar a cidade com mais esmero. No Rio de Janeiro, as calçadas de Copacabana são um símbolo", completa.

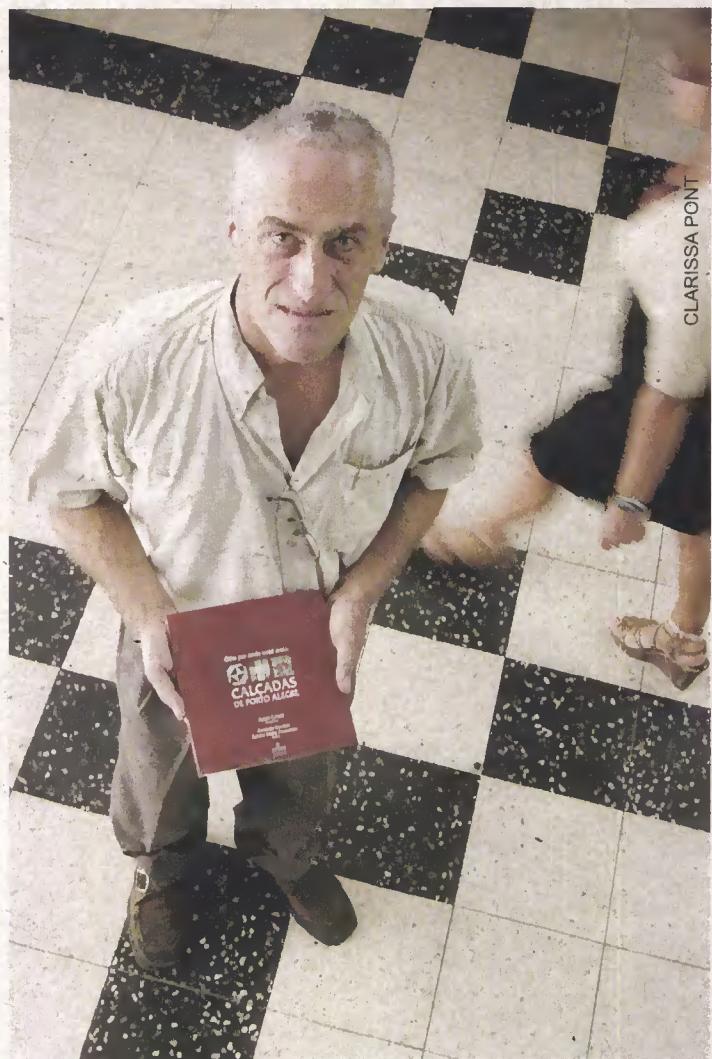
Não era a idéia inicial, mas as mais de cem imagens realizadas por Cattani foram copiladas em "Olhe por onde você anda: calçadas de Porto Alegre", livro publicado pela Editora da Ufrgs e patrocinado pela Cia. Zaffari. "O projeto estético de Airton Cattani em 'Olhe por onde você anda', surpreende pelo seu ineditismo. Diria, com maior exatidão: surpreende pela sua lucidez e humildade", sentencia Armindo Trevisan. O intelectual, doutor em Filosofia, é quem assina o primeiro texto do livro que antecede as imagens de Cattani. A historiadora Sandra Pesavento também assina a obra. Segundo a professora do curso de História e da pós-graduação em Urbanismo da Ufrgs, "velhas calçadas se convertem como que em rastros de um outro tempo, que só o observador atento poderá notar, tendo um olhar sensível para nelas ver restos de beleza e de passagem da vida no andar da cidade. Talvez, para tanto, fosse preciso dispor de tempo para olhar, tal como o flâneur de Baudelaire, a ver mais que os outros passantes da cidade...".

O livro é recheado por detalhes das calçadas de Porto Alegre, com identificação das ruas. Depois de conhecer a obra, o leitor começa a andar cabisbaixo pela cidade, procurando orgulhoso em seu bairro qual parte de uma rua foi registrada. "A fotografia foi tomada em um final de tarde de inverno, quando as condições de iluminação não eram as mais propícias. Pelo seu delicado trama considerei adequado tomar uma nova foto em condições mais apropriadas. Algum tempo depois voltei ao local e – qual não foi minha surpresa! – os ladrilhos não estavam mais lá: haviam sido substituídos pelo mesmo basalto irregular disseminado pela cidade. Inicialmente pensei em substituir a fotografia por outra de melhor qualidade mas, pensando melhor, decidi mantê-la como uma espécie de homenagem a está e outras calçadas que não existem mais", relembra Cattani ao falar sobre a rua Fernando Machado.

Segundo Cattani, o basalto ficou muito popular de umas décadas para cá e os ladrilhos foram perdendo espaço. Hoje, quase todas as calçadas de Porto Alegre são cobertas por basalto regular ou irregular. "As calçadas que fotografei estão desaparecendo: Na Rua Gaspar Martins ou na Fernando Machado, o trabalho é artesanal, os mosaicos foram feitos pedra por pedra. Muitas estão mal preservadas. Até certo período da história da cidade, as calçadas eram exclusivas para os pedestres. Hoje, elas disputam com carros e com intervenções da especulação imobiliária", avalia. As calçadas do viaduto da Borges de Medeiros estão intactas justamente porque ali não passam automóveis.

"As soluções estéticas das calçadas são discutíveis e derivam de uma herança cultural complexa, muitas vezes baseada na natureza imitadora de outras culturas, formas de fabricação ou extração dos materiais, ou, simplesmente, o acaso. Em outras palavras, a maneira como se configuram as calçadas, especialmente as de Porto Alegre, provém de diferentes intenções, em vários níveis de comprometimento

com a solução visual", explica Evelise Anicet Rüthschilling, professora do Instituto de Artes e coordenadora do Núcleo de Design de Superfície da Ufrgs. É ela quem assina a orelha de "Olhe por onde você anda". O envolvimento de Cattani com o Curso de Design gerou a idéia de realizar aplicações das fotografias em tecido. Utilizar os padrões das calçadas da cidade para pensar o design de superfície. Além disso, o professor desenvolve atualmente uma idéia semelhante, agora com os pisos da Universidade. O levantamento fotográfico da Ufrgs, principalmente dos prédios históricos, é um projeto ligado à pró-reitoria de pesquisa e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs). A Ufrgs também tem muita história sob os pés de todos nós.



Cattani, sobre o piso de placas de granitina brancas e pretas da Faculdade de Arquitetura da Ufrgs



+1

+1 imagem

Segundo Airton Cattani, "a maior surpresa no final deste trabalho, foi o mosaico de todas as calçadas que está no final do livro".



+1 história

A tia de Otávio, que escreveu o nome na calçada, faz uma oração toda vez que passa pela Rua Passo da Pátria e vê a assinatura do sobrinho. Otávio, que faleceu há alguns anos, visitava Porto Alegre para ver a tia. A história, Cattani só foi descobrir depois que o livro já estava pronto. "Cada calçada possui uma história, que a gente não pode nem imaginar. Cada marca nas calçadas da cidade é um signo a ser desvendado", acredita. Sem dúvida, fica mais envolvente circular pela cidade pensando nisso.



+1 exposição

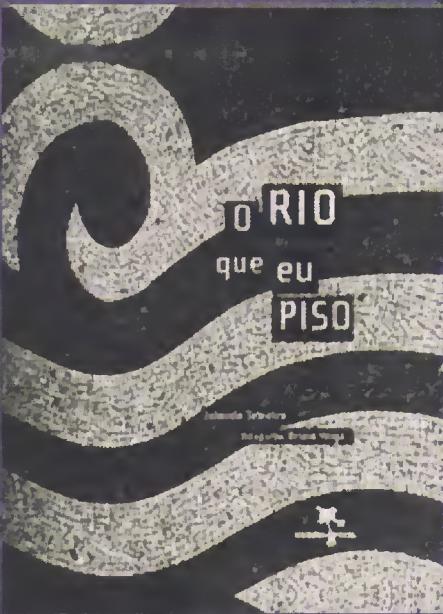
O livro de Cattani foi transformado em exposição fotográfica na Galeria do Departamento Municipal de Água e Esgoto de Porto Alegre (Dmae). Cada imagem foi ampliada em quadrados de 90 centímetros e colocada no chão, como as calçadas, e iluminadas de cima.

A partir do dia 8 de outubro deste ano, a mesma exposição estará na Cidade do México, no Centro de Estudos Brasileiros.



+1 livro

Os ladrilhos portugueses que recobrem as calçadas da cidade do Rio de Janeiro estão catalogados no livro "O Rio que eu piso", de Iolanda Teixeira, Editora Brasil e Memória.



a história DE QUEM FAZ

Atílio Borón, sociólogo argentino,

lotou o Salão de Atos da Ufrgs durante

o 25º Congresso da Associação latino-americana de Sociologia (Alas), em

agosto de 2005. Na ocasião, Borón

traçou um panorama geral sobre a situação do ambiente acadêmico e apontou o neoliberalismo e o pós-modernismo como pontos cruciais do declínio do pensamento crítico na

América Latina. "A possibilidade de

instituições públicas e universidades

investigarem o social foi varrida pelo

Tratado de Washington, que trocou essa

lógica por um modelo de consultoria, uma investigação prêt-à-porter",

definiu Borón, há três anos.

2005



ADufrgs 30
ANOS
1978 - 2008

ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS